

Documentário “Vale das Cuias”, as histórias em torno da produção de um dos mais tradicionais artesanatos do Rio Grande do Sul¹

Angelita CANCIAN²
Gislene NIDERSTRASSER³
Katiele ZINGLER⁴
Tatiane MILANI⁵
Tatiane PACHECO⁶
Thais SOARES⁷
Tonie SANTOS⁸
Cássio TOMAIM⁹

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS.

RESUMO

O filme “Vale das Cuias” apresenta cinco personagens, os quais revelam como é a relação entre eles e a sua principal fonte de renda: a produção de cuias. Estruturado em seis sequências, o documentário traz cenas que mostram o plantio e o cultivo do porongo, matéria prima que dá origem a cuia, os detalhes dos locais onde acontece a produção artesanal, bem como, os desafios que os produtores enfrentam no dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: documentário, porongos, cuias, produção.

1 INTRODUÇÃO

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não ficção/documentário/ docudrama (avulso).

² Estudante do 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: angelitamcancian@hotmail.com.

³ Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: gigoulart@hotmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: katizingler@gmail.com.

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: tati_milanis@hotmail.com.

⁶ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: tatianne_pacheco@hotmail.com.

⁷ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: taiis.soares@hotmail.com.

⁸ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/ campus de Frederico Westphalen, email: tonie.maria@hotmail.com.

⁹ Orientador do trabalho; Professor Doutor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen, e-mail: tomaim78@gmail.com.

Tomar chimarrão é um costume tipicamente gaúcho. Contudo, o longo processo de onze etapas de produção da cuia é desconhecido até mesmo entre os rio-grandenses-do-sul. Para conhecer o processo artesanal, a equipe do documentário Vale das Cuias entrevistou alguns produtores de cuia encontrados no trecho da BR 386 entre Iraí e Frederico Westphalen, no Estado do Rio Grande do Sul. Com o intuito de tornar conhecido o procedimento de fabricação da cuia, apresentamos todas as fases da produção numa sequência dinâmica de imagens em plano detalhe.

Esses produtores fazem parte da região do Médio Alto Uruguai¹⁰ situada no extremo norte gaúcho, composta de 22 municípios, com 148.403 habitantes. A população rural chega a 45%, conforme dados da Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. A região foi colonização por imigrantes de ascendência europeia, principalmente italianos, alemães e poloneses. Esta característica fez com que o norte gaúcho desenvolvesse, historicamente, sistemas produtivos com a predominância da forma social familiar de produção, trabalho e ocupação dos seus espaços rurais.

O trabalho de produção de cuia é registrado como artesanato ou agricultura familiar, por isso não há registros específicos do segmento para toda a região. Contudo, na cidade de Vicente Dutra¹¹, localizada a 33 quilômetros de Frederico Westphalen, principal cidade da região, existe a Associação dos Artesãos. Segundo a entidade, no município existem 280 famílias que vivem exclusivamente do porongo e do artesanato em cuias. Em 2014 foram produzidos dois milhões de porongos, o que corresponderia a uma renda bruta de mais de R\$ 2 milhões.

Em Frederico Westphalen, a organização do trabalho dos produtores de cuia é recente. No dia 24 de janeiro de 2015 foi criada a cooperativa Vale das Cuias, composta de 25 sócios-fundadores. Dentre estes, alguns são personagens do nosso documentário.

Uma das primeiras revelações curiosas que o filme traz ao espectador de qualquer região do Brasil é a matéria-prima da cuia: o porongo. O porongo é um fruto não comestível, formado por uma casca grossa, de diferentes tamanhos e com sementes por dentro. Nele não existe polpa. O fruto passa por uma seleção de tamanho e formato para ser transformado em cuia. Os que são rejeitados podem se tornar enfeites, cofres, etc. São esses

¹⁰ As informações contidas neste parágrafo são baseadas na Proposta de Agenda de Desenvolvimento Médio Alto Uruguai. Disponível em: <http://www.seplag.rs.gov.br/conteudo/3364/Programa-de-Combate-as-Desigualdades-Regionais?hc_location=ufi>. Acesso em: 15 abril 2015

¹¹ Vicente Dutra tem boa perspectiva na produção de porongos. Disponível em: <<http://www.portofeliz.am.br/noticia/60570/vicente-dutra-tem-boa-perspectiva-na-producao-de-porongos>>. Acesso em: 15 abril 2015

enfeites coloridos e as cuias prontas que são penduradas nas barracas que perfilam a BR 386 e chamam a atenção dos viajantes.

Salles (2006) diz que o documentário não se trata de uma consequência do tema, mas sim de uma forma de relacionamento com o mesmo. Assim tratamos o vídeo documentário conforme o modelo participativo. O filme apresenta cinco personagens que representam três posições diferentes na carreira de “cuieiro”, como são chamados. Solange é a vendedora que tem uma barraca à beira da rodovia com muitos clientes. Já o ponto do seu Rosaldo não anda com o mesmo movimento, por isso ele recorre às feiras em datas comemorativas. O casal Trevisol, apesar de morarem à BR 386, não tem mais tenda aberta. Agora eles trabalham com venda a atacado para lojas, mercados e empresas.

Mesmo que o ramo de produção de cuia seja próspero para alguns, para outros ainda é uma atividade de condições precárias. A inalação do pó extraído do porongo, o uso de fortes produtos químicos e a falta de proteção adequada no manuseio da cuia são alguns fatores que podem prejudicar a saúde dos produtores.

Ao falarem sobre os desafios da produção, os personagens também expõem como lidam com a (i)legalidade de seu trabalho, como a família se envolve no empreendimento e quais são as expectativas futuras.

2 OBJETIVO

O objetivo do documentário “Vale das Cuias” foi apresentar ao público como se dá o processo de fabricação da cuia: da matéria prima, produção à comercialização. Bem como a interação do artesão com a produção do porongo, como por exemplo, o impacto sobre a saúde e os desafios envolvidos.

O consumo do chimarrão é uma característica dos moradores do Rio Grande do Sul. Desta forma, buscamos também, ao apresentar o processo de produção da cuia, disseminar e enaltecer a cultura gaúcha, tanto na região sul como em outras regiões do país.

3 JUSTIFICATIVA

Para termos a cuia de chimarrão, conhecida no sul e também em outras regiões do país, precisa-se passar por várias etapas até chegar ao comércio. A maioria das pessoas que produzem o porongo, também conhecido como porungo ou cabaça, são conhecidos como “cuieros”. Estes tem um grande serviço na produção, desde o arrendamento de terras e o

plantio, até a colheita e comercialização.

A terra para o plantio da trepadeira não pode ser utilizada mais de duas temporadas, pois ela passa a ser caracterizada como imprópria para a produção após esse período. O clima contribui para determinar o formato do porongo, podendo ter frutos pequenos e arredondados, e outros podem ser grandes e compridos.

É por isso também que os porongos são classificados como adequados ou não para a confecção da cuia. Os que são classificados como não adequados, são utilizados para a fabricação de outros artesanatos, como por exemplo, uma casinha de passarinho.

Por conta da importância do porongo para a região Médio Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, há o Programa Florestal, com objetivo de ser um instrumento de estruturação da cadeia produtiva do porongo. O gerente regional Oriberto Adami, avalia o porongo como uma cultura importante na questão econômica e social.

Temos uma diversidade de temas relevantes que são trabalhados dentro do Programa Florestal. O porongo é uma cultura importante para a região, tanto na questão econômica, quanto cultural e social, pois existem 800 famílias envolvidas na cadeia produtiva. Levar aos produtores informações técnicas qualifica o trabalho na região, fortalece a cadeia e permite crescimento de todos os segmentos ligados ao setor. Além disso, ações como essa permitirá a aproximação e a parceria com órgãos de pesquisa (ADAMI, 2010).

Recentemente, alguns meios de comunicação divulgaram o comércio de cuias como próspera. Contudo, não foram apresentadas as dificuldades enfrentadas pelos produtores. É verdade que alguns “cuieros” têm desenvolvido seu empreendimento com sucesso, contudo, pela pesquisa de campo realizada para o documentário, observamos que muitos vendem o suficiente apenas para sobreviver. De qualquer forma, o comércio de cuias é importante para a movimentação da economia na região. Sendo o chimarrão parte da rotina do gaúcho, a fabricação de cuias é essencial também para a manutenção da cultura.

Com base nessas informações, entendemos que a utilização da cuia já é tradição entre as pessoas. Elas a utilizam no seu cotidiano, porém não possuem o conhecimento da sua origem, os processos da confecção do artesanato e da realidade dos seus produtores.

Nosso intuito foi retratar a vida dos personagens, as dificuldades que eles enfrentam. Queríamos mostrar ainda o retorno financeiro tanto de quem depende da venda de cuia diretamente nas tendas como quem comercializa para outros Estados. Assim como o incentivo para que os filhos continuem com essa atividade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O documentário faz relação com a realidade, pois retrata acontecimentos reais. Ele traz como característica uma narrativa, normalmente, sobre temáticas não factuais. Segundo Nichols (2005, p.47) documentário não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos.

Para Salles (2005, p 7) o filme documentário tem dois lados distintos “é o registro de algo que aconteceu no mundo; de outro lado, é narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado”. Ou seja, “nenhum filme se contenta em ser apenas registro. Possui também a ambição de ser uma história bem contada”.

A forma de se contar essa história se configura em uma natureza própria para cada filme que funciona como um subgênero do documentário. É possível identificar seis modos de representação: o poético, o expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo escolhido para a realização do documentário “Vale das Cuias” foi o participativo. Este modo permitiu uma maior relação com o personagem social, a integração à sua realidade. Uma vez que a verdade do documentário participativo nasce do encontro entre o diretor e o personagem.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo. O cineasta despe o manto do documentário com voz *over*, afasta-se da meditação poética desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro (NICHOLLS 2005, p. 154).

Ou seja, o contato do diretor com o personagem gera a narrativa. Porque o desenvolvimento do tema é resultado do diálogo que só acontece com a ação do cineasta, uma interação que só existe com a presença da câmera. Como confirma Bill Nichols (2006, p. 155) “No documentário participativo, o que vemos é o que podemos ver apenas quando a câmera, ou cineasta, está lá em nosso lugar”.

Como o presente filme se configura no modo participativo, a base técnica utilizada é a entrevista. Ela é o elemento que dá o fio condutor da narrativa. Segundo Nicholls (2005, p. 160), “As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam”.

Os movimentos de câmera e os enquadramentos foram pensados de forma que valorizasse o trabalho do artesão. Por isso, os planos detalhes foram utilizados reiteradas vezes. Os planos gerais buscaram representar o ambiente de trabalho dos produtores de cuia. O filme deu preferência em manter cenas longas para tentar inserir o espectador no ambiente do personagem, na duração do tempo vivido dos personagens. Os planos longos remetem à calmaria da região interiorana onde as imagens foram registradas.

A trilha sonora do filme foi composta de uma única música, pois os sons ambientes foram priorizados na maioria das cenas. O ruído das máquinas, o assvio dos pássaros e o barulho dos carros passando na rodovia são alguns exemplos de sons ambientes que complementaram as cenas. Na transição de quadros escolhemos o corte seco e *fade out* para os créditos. O recurso da cartela é utilizado para adicionar informação essencial à explicação do nome do filme.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao som da instrumentação da música tipicamente gaúcha as cenas de abertura retratam a ambientação dos personagens. Na primeira cena aparece uma mulher carregando um balaio cheio de cuias sobre os ombros, andando em direção ao galpão de produção. A partir daí aparecem uma sequência de cenas que descrevem desde o cotidiano da produção, até o colorido das cuias expostas nas tendas à beira da rodovia.

A primeira sequência introduz o lugar onde a personagem Solange Winck vive com sua família, para depois, mostrar o encontro da diretora com a personagem em sua tenda. Solange representa os “cuieiros” que têm contato direto com os viajantes por meio da sua barraca, a qual chama atenção pelo colorido e diversidade de seus produtos. O ponto de venda da Solange proporciona um bom retorno financeiro. Enquanto seu esposo Josemar Winck fica responsável pelo plantio dos porongos.

Em uma de suas lavouras, Josemar explica como funciona o cultivo da trepadeira. Ele explica os cuidados que se deve ter desde o plantio até a colheita. Josemar apresenta dados do rendimento de safras, bem como o custo bruto e líquido.

Na quarta sequência, o casal Jadir e Valéria Trevisol representa os produtores que obtiveram sucesso em seu empreendimento, elevando suas vendas para o mercado atacadista. De dentro do galpão, Valéria explica cada uma das etapas de produção da cuia. Partindo da chegada dos porongos da lavoura, passando pelas onze etapas do processo de aprimoramento, até ficar pronto para o envio às lojas.

Os personagens já foram apresentados falando sobre o seu trabalho. Mas, nesta sequência, eles contam um pouco sobre as suas histórias com relação à produção de cuias e, também, das dificuldades envolvidas. Os “cuieiros” contam sobre os problemas de saúde e sobre a legalidade com as vendas em torno da rodovia.

Na sexta sequência os personagens Jadir, Rosaldo e Solange retornam contando sobre suas expectativas para o futuro: investimentos em tendas, aspirações para a aposentadoria e suas preocupações com a migração do jovem para a cidade. Por fim, eles apresentam o que esperam para o futuro de seus filhos com relação ao empreendimento familiar.

6 CONSIDERAÇÕES

Considerando toda a trajetória da disciplina que resultou na produção de um vídeo-documentário, podemos classificá-la como de grande aprendizado e produtividade. Para chegar até as primeiras práticas precisamos entender toda a teoria e técnica necessárias para o produto final. Documentário é um tipo de cinema que exige muita atenção e dedicação ao trabalho, sendo desenvolvido em equipe, que, por sua vez, necessita estar em sintonia.

Para a produção do documentário “Vale das Cuias” tivemos a oportunidade de estar em contato com uma área pouco conhecida, que é a da produção de cuias. Antes mesmo de começar o trabalho, o objetivo do grupo era compreender como se dava essa técnica de artesanato. E, para começarmos esse trabalho, foi preciso muita pesquisa para compreender o mínimo dessa profissão, que aparentemente se mostra bonita com o produto final, mas que a maioria das pessoas desconhece toda a rotina de produção e seus desafios diários.

Além disso, o contato direto com os personagens propiciou um maior envolvimento com o cotidiano destes trabalhadores, acompanhando o dia-a-dia de diferentes produtores, incluídos em realidades distintas, ainda que, dentro do mesmo ramo de trabalho.

Em nossa produção, aprendemos na prática como se dá todo o processo de preparo da cuia, algo muito mais complexo do que imaginávamos. Para além disto, conseguimos adentrar na vida dos personagens, mesclando suas histórias pessoais com o trabalho pudemos entender como é a vida dessas pessoas que dedicam suas vidas, e muitas vezes de a de suas famílias, à produção de cuias.

Desta forma, concluímos o trabalho de maneira muito satisfatória, não só por aprimorarmos nossas técnicas de produção, resultando no produto final, o vídeo

documentário. Mas pelos conhecimentos adquiridos, tanto no que se refere ao trabalho de nossos personagens, como em suas histórias pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, O. **Clic Soledade**. 2010. Disponível em:

MORAES, Joice Franciele da Silva Lopes; COELHO, Selma Benedita; DE RIO PRETO, Centro Universitário. **Análise cinematográfica do documentário** Lixo Extraordinário.

NICHOLS, Bill; MARTINS, Mônica Saddy. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

PROGRAMA de Combate às Desigualdades Regionais. **Proposta de Agenda de Desenvolvimento Médio Alto Uruguai**. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.seplag.rs.gov.br/conteudo/3364/Programa-de-Combate-as-Desigualdades-Regionais?hc_location=ufi> Acesso em: 15 abril 2015

RÁDIO Porto Feliz. **Vicente Dutra tem boa perspectiva na produção de porongos**. Disponível em: <<http://www.portofeliz.am.br/noticia/60570/vicente-dutra-tem-boa-perspectiva-na-producao-de-porongos>>. Acesso em 15 abril 2015

REDAÇÃO. **Clic Soledade** – Seminário sobre porongo marca participação da Emater/RS-Ascar na Expocaiçara. 2010. Disponível em: <<http://www.clicsoledade.com.br/index.php>>. Acesso em: 15 abril 2015

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005.